

Ana Saragoça

**Todos os Dias São Meus**

Romance

 Planeta

Ao Henrique Macedo, primeiro leitor das primeiras páginas; ao Nuno Coelho, que me levou a escrever as últimas; ao meu pai, com quem aprendi a gostar de ler; à seita dos livros



## Prefácio

Convém lembrar que este é um primeiro romance, porque na depuração da prosa, na configuração subtil dos caracteres, na agilidade do estilo e na destreza com que autora maneja as chamadas categorias da narrativa, há razões para supor que se trata de uma escritora experimentada, com vastas, atormentadas e vitoriosas contendas com a língua portuguesa e aquela aptidão de associar as realidades aparentemente mais distantes que caracterizam o romancista veterano.

O desafio foi dizer o máximo com um mínimo de palavras, de ampliar e aprofundar a expressividade através da concisão, em termos que chegam a ser arrebatadores, despertando a vontade de mais ler, chegar adiante. Textos empolgantes, como o do capítulo denominado «A Namorada do Engenheiro» pelo tom, pela ironia, pela desenvoltura, pela sequência das acções, pelo forte erotismo, pelos efeitos de surpresa, não encontrarão facilmente paralelo na literatura portuguesa actual.

Apresenta-se um microcosmo, aparentemente vulgar, banal, quotidiano, mas donde tudo irradia. E dá-se vida a uma personagem, a mais inerte e vazia, em que tudo, afinal, se foca e concentra. Nos meandros, a matéria criminal que, pouco a pouco, se vai desvendando.

Ana Saragoça capta, com inusitada perícia, as diversas vozes, com os seus modismos e as suas múltiplas – e contraditórias – motivações e intencionalidades. Um ramerrão burguês e trivial é-nos dado através de alusões faladas que enquadram e situam as acções, com uma arguta atenção ao pormenor.

A narração na primeira pessoa gradua-se, repercute-se, molda-se a quem se exprime, em resposta ao que percebemos desde logo ser uma investigação de polícia.

Em poucas linhas – e a partir de um mistério fulcral – são-nos dadas a complexidade das personagens, os seus pontos de vista, atitudes e estados de alma: ressentimento, ingenuidade, desaforo, frustração, petulância, abatimento, perversão – sobretudo esta, até com os seus laivos de feiticismo.

Urdiduras sinuosas trazem à liça grandes questões com que os homens sempre se confrontaram: o real e o ficcional; a pessoa e a personagem; a aparência e a realidade; a verdade e a mentira; o mandar e o obedecer.

Assim continue Ana Saragoça a interrogar-nos e a instigar-nos nestes lances da surpresa e da imaginação. Os livros seguintes já se fazem esperar.

MÁRIO DE CARVALHO

## A Porteira I

Da polícia? Se é por causa do cão, fiquem sabendo que a culpa não é minha. Então, moro num quinto andar e o cão enjoa no elevador. Deito fora o bicho? As pessoas não têm compreensão nenhuma. Pois eu desço com o bicho, pelas escadas não posso ir, que não tenho pernas para isso, já bem basta descer ao andar de baixo, desço com o bicho no elevador, ele vomita, quando chego lá abaixo tenho de esperar que ele acabe o serviço para voltar para cima e ir buscar água e esfregona para limpar aquilo, não é? Que culpa é que eu tenho se eles chamam sempre o elevador enquanto eu ainda estou na rua? Lá fico eu à espera do elevador, lá volto para cima, ele para cima não vomita, que não enjoa nas subidas, chego a casa, abro a porta para ir buscar o balde e a esfregona e pronto, lá chamam eles outra vez o elevador. Então o senhor diga lá se isto não é de propósito. Está claro que depois também já não limpo, não sou a palhaça de ninguém, o que é que pensam? E depois

eles que provem que o vomitado é do *Iuri*, não podem provar, pois não?

Não, qual porteira. Já fui, já. Depois, desde o acidente do meu marido, deixei-me disso. Com a reforma e a indenização que ele recebeu da Carris por ter sido atropelado por um autocarro, a gente vai-se arranjando. Vivo aqui mas pago renda, o que é que pensava? Não pago tanto como os outros, que isto são umas águas furtadas e o elevador nem sobe até aqui, e se visse lá para dentro, é só humidade, o papel de parede descola-se todo, eu pronto, se a minha filha ainda cá estivesse, tentava arranjar outra coisa, mas agora, assim como assim, não vale a pena.

Ah, isso. Não, eu disse não sei nada. Eu moro no quinto, ela morava no terceiro, não sei o que é que se passou. Pronto, sei aquilo que toda a gente sabe, que morava sozinha, até diziam que alguém lhe tinha posto casa, mas ela de bonita não tinha nada, e dali não entrava nem saía ninguém senão ela, quero dizer, acho que não saía, eu nunca vi, lá se entrava ou não, não sei, nem quero saber, que eu não sou de me meter na vida de ninguém. Eu no meu canto e eles no deles, já me basta a história do cão e andarem para aí a dizer que bato no meu marido. Não é que ele não merecesse, quem o vê ali entrevado acha que é um santinho, mas muito me fez amargar, mau como as cobras, sempre muito sovina, sempre a querer tudo do bom e do melhor para ele à mesa e eu e a filha que ficássemos ali aguadas a olhar-lhe para o prato. Vá lá que a minha filha pelo menos casou bem, tem graça, por acaso até foi com um polícia, não é como o senhor, é dos outros mesmo polícias, muito bom moço, é do Norte,

tem aquela fala esquisita, olhe, como aquele que se mudou agora para o primeiro, mudou-se é como quem diz, na mercearia dizem que só vai cá estar um mês, também gabo-lhe a esperteza, arrendar uma casa daquele tamanho para um mês, enfim, desde que seja sossegado e não encha a casa de mulherio nem faça barulho, por mim tanto se me dá como se me deu. Isto para dizer que o meu genro tem aquela fala lá de cima, e quando se irrita é um palavreado de alto lá com ele, mas é bom moço, e a família dele, não desfazendo, é uma gente que dá gosto, mas se o senhor visse a vergonha que eu passei com as despesas do casamento, este mastronço a querer comprar só um quilo de pêras para a sangria, um quilo de pêras para cento e cinquenta convidados, veja bem! Também Deus me perdoe, parece que foi castigo, uma semana depois do casamento levou com o autocarro em cima e para ali ficou, parece uma couve. Mas pensa que não me dá que fazer? E depois, só porque ouvem meia dúzia de berros e umas coisas a cair, dizem logo que eu lhe bato, não é? Olhe, sabe o que eu lhe digo, ela é que está bem, morreu, está morta, já ninguém a chateia. Agora eu, se não fosse o meu *Iuri*, já tinha dado cabo de mim.

Não, não tenho nada que dizer. Nunca me disse nada do vomitado do cão. Quero dizer, nem ela nem ninguém, que esta gente é mais de se pôr a falar alto no patamar, mas pela frente não dizem nada, é o dizes. Mas ela não falava com ninguém. E sempre que me encontrava no elevador, quero dizer, eu no elevador e ela nas escadas, porque ela descia e subia sempre a pé, ainda bem, é porque tinha saúde para isso, se tivesse os meus joanetes não se armava em atleta,

sempre que a via nas escadas pelas grades do elevador, dizia sempre bom-dia, boa-tarde. Pronto, não era nenhuma simpatia, mas antes assim que fingida, como outras que eu cá sei. Porque isto, meu senhor, se fosse só aqui o prédio, mas é a rua, ali a mercearia então é um ninho de víboras, no dia em que uma morder a língua morre envenenada.

O que eu sei é que ela estava quase sempre em casa. Até pensei, esta não trabalha, mas depois a empregada do segundo, do professor, disse-me que ela trabalhava em casa, tinha um computador e tudo.

E estava muito desfigurada? Quando eu lá cheguei já não consegui vê-la, estavam a levá-la toda tapada. Nem me deixaram entrar no elevador, caramba, também que exagero, afinal a gente mora aqui, tem direitos, não é, se calhar até podia encontrar alguma coisa que ajudasse a polícia. E não está certo obrigarem uma pessoa a subir as escadas a pé, mais a mais uma pessoa doente como eu, que há dias que nem sei como me tenho em pé. Tiravam o corpo, limpavam a porcaria, e deixavam-me ir à minha vida.

Mas olhe que foi uma coisa feita com cuidado. À hora do jantar, num elevador, podia ter sido apanhado. Que eu para mim foram os cranianos. Uma pouca-vergonha, a senhoria com a ganância de ganhar dinheiro ir alugar o rés-do-chão a dez galfarros que ninguém sabe quem são. Deve receber pouco, deve, e não passa recibos quase de certeza, isso, isso é que a polícia havia de investigar, essa escandaleira. O senhor já os viu? Parecem umas vigas, aqueles olhos metem medo, muito azuis, dali não sai coisa boa. E depois longe da terra, todos sozinhos, quem é que diz que não violaram a moça?

Pronto, ela bonita não era, mas a fome é negra, não é assim? E já se sabe que os homens não são esquisitos, qualquer burra de saias lhes serve, quando não vão para outras coisas, que com essa estrangeirada nunca se sabe, isto agora está o mundo roído dos ratos, chove nele como na rua, já dizia a minha mãe, coitadinha, se cá voltasse morria outra vez. Ah, não foi...? Pois olhe, sempre pensei. Mas para mim foram eles, mais que certo.

Não, ouvir não ouvi nada. O elevador andou num virote, que aqui em cima isto até treme tudo quando ele começa a andar, mas pensei que fossem os miúdos cá de baixo, estão sempre a brincar com o elevador, já o avariaram duas vezes este ano. E o pai, moita, não é nada com ele. Esse também deve ser fresco. Só mora cá há um ano e não queira saber o vaivém de mulherio naquela casa. Isto não é meter-me, todo o prédio sabe, cruzamo-nos com elas no elevador, todas de bota alta, cabelos compridos, perfumadas, umas vacas, com sua licença. Já viu, duas crianças a serem criadas naquele ambiente? Está bem, os miúdos só cá estão de quinze em quinze dias, agora parece que passam cá mais tempo, mas a gente sabe lá como é que é na casa da mãe, isto de divorciadas é o que se sabe, por muito finas que pareçam vai tudo dar ao mesmo. Eu às vezes vejo-a quando vem deixar os miúdos, nunca sai do jipe, sempre com umas trombas até ao chão, deve pensar que é uma grande senhora, são as piores.

Pronto, já sabe, se precisar de alguma coisa é só dizer, mas eu não sei nada, não me meto com ninguém. Tenho pena da moça, coitada, foi uma morte feia, mas se calhar ela alguma coisa fez, não é?



## Razão

Encontrei este livro num contentor de obras, à porta dos restos mortais de uma das mercearias da cidade. No meio do entulho, uma capa preta, cantos forrados a tecido vermelho, uma etiqueta debruada da mesma cor e, em letras desenhadas a tinta permanente: Razão.

Pareceu-me bem resgatar a Razão do lixo e espanejá-la em casa.

Como vi logo nas primeiras páginas, era o registo do deve e haver da mercearia, e devia ser o último volume, pois tinha poucas páginas preenchidas com letras e números esforçados, saídos de uma mão pouco habituada a grandes escritas.

Também a minha mão está pouco habituada a grandes escritas, e cansa-me desenhar letras a caneta depois de tantos anos afeita a teclados, com as suas abençoadas opções de apagar tudo e escrever de novo sem deixar rasto de qualquer equívoco.

Olho para o dedo médio da mão direita, que ostenta até hoje a deformidade causada pela esferográfica. Tantos, tantos anos, mais de metade da minha vida, a escrevinhar, tantos cadernos preenchidos da primeira à última página, e agora, ao fim de quatro míseros parágrafos, já uma cãibra se vai anunciando no pulso.

Por outro lado, o leve roçar do bico no papel espesso vai despertando em mim um prazer artesanal de que já não me lembrava, apesar de ter morrido definitivamente a letrinha redonda e certa que me valia prémios de caligrafia na primária.

Este caderno, esta escrita, lembram-me de mim, e estranhamente não me desagrada a lembrança. De súbito parece-me apropriado aproveitar este título que o acaso me deitou ao caminho para pôr em ordem o deve e o haver da minha existência. A razão de me encontrar aqui.

Como fazê-lo? Não sei ainda. Estes parágrafos curtos, sincopados, tenteantes, saem-me a ferros, como se não quisesse escrever. E no entanto quero. Quero pela primeira vez olhar-me. Não me interessam cronologias, análises, reflexões filosóficas. Vou deixar que seja a caneta a levar-me.

Onde ela me deixar, ficarei.